

# ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS/DISCURSIVOS NA AMAZÔNIA PARAENSE

(Livro de trabalhos do IV EVEL)

Marcos dos Reis Batista  
Suellen Cordovil da Silva  
Organizadores

## **Autores e autoras**

---

Ana Paula Vieira e Souza	Joyce Cristina Farias de Amorim
Antonia Camila Paulino Sales	Malúzia Ribeiro da Cruz e Rosa
Arlen Maia de Melo	Marcilene Damasceno Xavier
Cristiane de Mesquita Alves	Marcos dos Reis Batista
Cristina de Nazaré do Carmo de Souza	Maria Adélia Santos da Cruz
Danilo de Sousa Ferreira	Mayara Haydee Lima Sena
Elinaldo Chaves dos Santos	Míriam Cemira Pereira do Nascimento
Fernando Soares Lago	Paula Aleixo da Conceição
Haline Fernanda Silva Melo	Rayene Maria do Nascimento
Helder Fabricio Brito Ribeiro	Renato Carlos Dias de Oliveira
Hellen Cristina Aleixo Azeredo Moura	Sandra Regina Silva de Almeida
Janice Souza Santos	Thais Santana dos Santos
Joana Darc Almeida Barreto	Thomas Massao Fairchild
José Guilherme de Oliveira Castro	Vanda Ester Lira Costa
	Wellingson Valente dos Reis

*φ editora fi*

**A DESRAZÃO DA VERDADE EM O CORAÇÃO  
DELATOR**

*Danilo de Sousa Ferreira*  
*Elinaldo Chaves dos Santos*  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Subjetividade, eis o elemento primordial para discorrer acerca deste conto arabesco de Edgar Allan Poe. *O Coração delator* traz um vasto campo de possíveis interpretações, independente das variações dicotômicas entre o normal/anormal, sonho/realidade ou ainda, sanidade/loucura.

A carga de tensão explícita desde a primeira linha do conto, um ser perturbado, doente físico e mentalmente, carregado de dúvida quanto à sua anomalia mental. O nervosismo dilatado que perdura, embora com certas nuances de controle emocional. Nada, porém, que possa sustentar suas alegações como justapostas, diante da barbárie que desvela e revela um instinto calculista a passos largos da psicopatia que pulsa em seu interior. Esse narrador personagem infame, um homem angustiado, procurando sentido para suas percepções, afim de justificar seus atos, movidos de uma atitude irracional como forma de defesa, ante a ameaça inautêntica e insólita. Compulsão da realidade paralela, articulações aflitas indexadas no pulsar temerário de um sujeito ignóbil que nada mais nos conta acerca de si e do contexto criminoso que permeia. Transita em nossa mente com todos os devaneios da incontornabilidade de quem de fato estava decidido executar uma tarefa, como ele próprio narra:

É impossível dizer como a ideia entrou em meu cérebro a princípio; mas, uma vez concebida, assombrava-me dia e noite. Motivo não havia. Paixão não havia. Eu gostava daquele velho. Ele nunca me havia prejudicado. Nunca havia me insultado. Eu não desejava seu ouro. Acho que foi o olho. Sim, foi isso! Um de seus

olhos parecia o olho de um abutre – um olho azul pálido com uma pele por cima. Toda vez que me fitava, fazia meu sangue gelar, e foi aos poucos, muito gradualmente, que eu decidi tirar a vida do velho para me livrar daquele olho para sempre.” (POE, 2012, p. 29)

Segundo análise de Bezerra (2008), a narrativa não nomeia o personagem principal e, por diversas vezes, faz afirmação de que não é louco e como prova de que está completamente lúcido, decide contar os pormenores do ocorrido, buscando exaltar sua lucidez e serenidade.

[...] notamos que o narrador cumpre uma espécie de ritual, fazendo as mesmas coisas durante sete noites no mesmo horário: meia-noite. Esse detalhe nos leva a fazer outros questionamentos: Por que a repetição? O que aconteceu depois?” (BEZERRA, 2008, p. 226)

Muito embora essa tarefa, não fosse tarefa qualquer, havia uma razão na desrazão da realidade desse sujeito, o desejo por eliminar o bizarro, pavoroso, feio, grotesco. Extirpar anomalias, purificando da existência os anormais numa facticidade destinada por esse “reich” dos contos sombrios, um ditador sem nome na literatura fantástica, personificação infundamentada do mal! Qual a razão? Inveja? Ganância? Talvez fosse a simples ausência de espírito crítico. Poderíamos conjecturar que houvessem razões não explícitas, que de forma labiríntica pudéssemos encontrar. A fim de não tirar o foco do conflito maior, nem desbotar a congruência de nosso gênio maligno. Allan Poe ratifica a insana razão dessa arquitetura monstruosa e cruel com este estranhamento no desencadeamento e desenrolar da narrativa.

A centralidade das sensações é o indissociável sentimento comum a todos os seres humanos, inerente até aos que vagam por realidades virtuais e/ou paralelas. O medo pressupõe instintivamente recursos de defesa, mecanismos de proteção e em muitos casos, como este, a aniquilação do objeto provocador desse

sentimento pernicioso e fragilizado, diante da voracidade aterrorizante do ser ameaçador, aqui configurado como um olho.

O olho. Este é um dos elementos da natureza humana em que o conto se materializa e centraliza. Não era aquele homem já velho, cansado e possivelmente com a saúde debilitada que atemorizava nosso protagonista, não era uma conduta supostamente demoníaca do velho, não havia nada naquela pobre alma que representasse ameaça, causando pânico e horror, aos olhos de um leitor são. Aquele cidadão até passaria despercebido se não fosse por um detalhe primário: o olho! Aqui vemos a que ponto a insanidade conduz pessoas instáveis psicologicamente. Um olho defeituoso, olho que não podia ver, esse olho, que parecia o de um abutre. Era o causador de terrível medo, a ponto de gelar o sangue e despertar a fúria e o instinto assassino. Tanta ênfase no olho talvez o colocasse no ápice do conto, mas não foi. A maestria e a sutileza de Poe, compuseram em um único e fechado recinto uma gama de proposições. Na verdade, há muito por indagar, além do motivo que parece óbvio, mas não o é, o ambiente, as circunstâncias dessa convivência, o nível de proximidade e porque não dizer de parentesco, a estrutura da casa, os vizinhos, a polícia.

Como o conto, desenrola-se na voz da primeira pessoa, esse narrador-personagem expõe toda a trama como numa conversa com um espectro fora de toda àquela situação, onde rememora os pormenores do ocorrido. Ressalta-se com isso a necessidade de credibilidade que já vem sendo pretendida desde a primeira frase do enredo macabro e sombrio. A exclamação de verdade referida pelo protagonista, soa incisiva, porém carregada de tensão exposta pelo nervosismo anterior e atual. Nervosismo, não remorso! Nervosismo não representa atestado de loucura. Nosso protagonista não aceita a condição de louco, embora (talvez) o seja. Num instante primeiro, sob o olhar superficial da sua conduta, pode-se de súbito atestar sua loucura, sem que haja ferrenhas contestações. Qual seria então a razão dessa certeza vaga? O crime? A conduta ou a postura pós-crime no diálogo monologal?

Michel Foucault afirma que:

...o que as condutas infringem não é a lei, porque nenhuma lei impede ninguém de ser desequilibrado afetivamente, nenhuma lei impede ninguém de ter distúrbios emocionais, nenhuma lei impede ninguém de ter orgulho pervertido, e não há medidas legais contra o erotismo. Mas, se não é a lei que essas condutas infringem, é o que? Aquilo contra o que elas aparecem, aquilo em relação ao que elas aparecem, é um nível de desenvolvimento ótimo: “imaturidade psicológica”, “personalidade pouco estruturada”, “profundo desequilíbrio”. É igualmente um critério de realidade: “má apreciação do real”. São qualificações morais, isto é, a modéstia, a fidelidade. São também regras éticas.” (FOUCAULT, 2013, p.15)

Depreende-se, portanto, que, se há uma conduta instigante, uma postura suspeita no tocante à lucidez, porém, nada há que sirva de base comprobatória para apontar um sujeito como elemento perigoso com pré-disposição ao crime. A requerida sanidade (ainda que não tenha!) não espelha verdade na confissão do criminoso, nem lança luz sob o suposto motivo, mas reflete um ser ainda mais intrigante. Nota-se também uma completa falta de apreço à liberdade. O amor próprio imanente do ser humano, perde espaço para a altivez, o orgulho de não se declarar louco, de não se aceitar como tal (ainda que o seja!), enganando a si mesmo em relação à sua identidade. Contudo, há de se levar em conta o postulado por Stuart Hall: “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2015, p.12). Ou seja, temos uma situação nova que perpassa o parágrafo final da trama, mas subjetivamente imbuí-se nela. Pode ser que sanidade e loucura se alternem de forma indistinta, ou ainda que o sujeito projete o duplo-eu, afim de manipular circunstancialmente, usando como dispositivo discursivo o contexto. Imbricando o patológico ao psicológico, neste caso a agudez de sua audição.

Curiosamente, é normal que se prenda à trama somente, encerrando com ela suas potenciais variações. Ao fomentar possibilidades, ansiamos por continuidade, que na impossibilidade factual, realizamos na desconstrução da história. Assim, subjetivamente percorremos vários pontos nodais, desatamos alguns nós, apertamos outros e assim fragmentamos incontáveis vezes a mesma história. A alteridade ganha vez para acusar ou defender, subjugar ou compreender. Replicar exaustivamente à conjugação da loucura, diante da promiscuidade do medo.

O medo conduz o conto, nas ações de seus personagens, na esfera natura e na dimensão do sobrenatural. No temor do velho ao perceber uma invasão no seu quarto à hora do seu sono. Terror que consumia o protagonista toda vez que se deparava com o olho de abutre do velho, terror diante do coração (do velho já morto e esquartejado) batendo cada vez mais forte debaixo do assoalho. Imaginemos com que temor os policiais o possam ter conduzido. O medo dita as regras e prevalece nas suas múltiplas formas dentro dos contos fantásticos. Cabe citar Todorov: “Um conto é fantástico simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas” (TODOROV, 2007, p.20).

O medo quanto sentimento é imaterial, no entanto se presentifica em estruturas sólidas e convincentes, constituído como fenômeno ambíguo de dominação e sujeição, provocando verdadeiro culto literário aos seus apetrechos e derivantes medonhos. Valendo-se disso, Poe nos faz mergulhar no universo mental de um coração delator. Provocando em nós sensações comumente vinculadas a quem se entrega ao universo fantástico, como assegura Todorov:

[...] nas obras que pertencem a esse gênero, relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, *incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos* e que por essa razão, provocam na personagem e no leitor reação

semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar.  
(TODOROV, 2007, p.53)

Chesterton, romancista inglês do século XX, também dedica reflexões acerca do tema da loucura vs sanidade em uma das suas principais obras. Detalhando que um “louco” possui uma mente bem clara e objetiva em suas minúcias. Apesar de não ser um teórico com conhecimento específico sobre os elementos da psicologia humana, Chesterton traça e pinça sobre alguns desses aspectos no que tange suas percepções em *Ortodoxia*, mais especificamente em um dos capítulos de sua obra, *Os maníacos*:

Todos aqueles que têm tido a infelicidade de lidar com criaturas completamente doidas, ou que estão no estágio inicial da doença mental, uma de suas características mais sinistras é a espantosa clareza nos pormenores: as coisas ligam-se umas às outras em um plano mais intrincado do que um labirinto. (CHESTERTON, 2013, p. 39)

De fato, a narrativa se desencadeia de modo que a figura do louco é débil no sentido que sua percepção é “diminuta” como um círculo, ou seja, sua mente acaba por desenvolver-se de maneira não tão abrangente e sua logicidade acaba por tornar-se “racional”,

O doido vive na arejada e bem iluminada prisão de uma única ideia, e todo o seu espírito converge para um ponto afiado e doloroso, sem aquela hesitação e complexidade próprias das pessoas normais.” (CHESTERTON, 2013, p. 43)

Ao fim da narrativa, encontramos um elemento de controle na esfera social: a polícia. Mesmo diante da investigação feita para tratar sobre um crime em si, o que acaba por se desvendar através de inquietações do narrador personagem. Não se trata de investigar o crime, mas fazer uma breve analogia que a forma do crime cometido é de certa modo reflexo de quem o cometeu. O assassino estava tão desmembrado quanto sua vítima. Embora esse

desmembramento não fosse seu corpo esquartejado, podemos sentir sua dor tão lancinante, sua angustia e horror antes do crime, durante todos os dias que tinha de se deparar com o que representava todo esse medo, além de todas as noites conflituosas em que tentava executar seu plano, “Como o indivíduo já se pareceu com seu crime antes de ter cometido” (FOUCAULT, 2015, p. 43).

Chegando afinal ao terror de “ouvir” as batidas de um coração morto, acusando-o, perturbando-o, confundindo-o. É impossível lermos Poe e não nos sentirmos furtados da realidade. Impossível é não ficar “preso”, angustiado tal qual os personagens. Se é incogitável ler passivamente, torna-se parte do que ler, toda atmosfera fantástica, o insólito e maravilhoso envolve-nos a um ponto tal, que a inevitabilidade nos torna cúmplices e posteriormente réus. De conformidade com Todorov que nos fez entender que é transferido ao leitor a hesitação experimentada pela personagem. Esses elementos acabam por constituírem a narrativa como mecanismos de interferências inerentes de aspectos do insólito e dor horror.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Silva de Paula: Revista *Línguas & Letras*, vol. 9, nº 17, 2º sem., p. 223-231. 2008.
- CHESTERTON, G. K. (Gilbert Keith), 1874-1936. **Ortodoxia** / G. K. Chesterton; tradução de Ives Gandra da Silva Martins Filho – Campinas, SP : Ecclesiae, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Tradução Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes, 2013.
- HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**: Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- TODOROV, Tzevetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. Edição. São Paulo: Perspectiva, 2007 (Debates, n. 98).